

A OCUPAÇÃO E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO WEB PELO SUJEITO PÓS-SOCIAL¹

Solange KURPIEL²

Université Lumière Lyon 2, Lyon, França e Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

A sociedade globalizada transformou o processo de construção do sujeito social. A realidade é estruturada a partir de uma economia global, modos de produção semelhantes, referências culturais comuns e princípios universais compartilhados. Em caso de indisposição social, é nesse universo complexo que o indivíduo transitará e poderá agir. Atualmente, o espaço virtual é a plataforma privilegiada para a produção e a difusão de conteúdos, reivindicações sociais. Pode-se assim questionar sobre as formas como o sujeito e os coletivos agem e se apropriam do espaço *web*. O presente estudo se estende a percepção do uso dos meios de comunicação e de informação como plataforma desmaterializada das lutas coletivas. Finalmente, o caso das *Jornadas de Junho de 2013* será trazido como objeto para a problematização de conceitos teóricos trabalhados.

Palavras-chave

Globalização; Sujeito pós-social; *Web*; Luta coletiva, *Jornadas de Junho de 2013*.

1 INTRODUÇÃO

A globalização impõe às esferas sociais planetárias um ritmo interacional acelerado. Os fluxos comunicacionais favorecem a criação de um espaço transnacional mais elástico, menos limitado às fronteiras políticas e mais associado às realidades socioeconômicas. A composição desse contexto pós-social implica consequências estruturais às instituições tradicionais. O alvo mais flagrante é o Estado-Nação. A instituição é dessacralizada e perde em autonomia na regulação integral dos sistemas econômicos nacionais. Com uma economia mundial cada vez mais desenraizada, o Estado-Nação opera "menos como um árbitro entre os atores sociais em conflito e mais como um mediador entre a economia nacional e seus adversários [...]" (TOURAINÉ, 2010, p.38, tradução nossa). No âmbito

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Informação e da Comunicação da Université Lumière Lyon 2 e em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (co-tutela), mestre em Comunicação das Organizações, Cultura e Meio Ambiente pela Aix-Marseille Université (Master 2 - 2012) e em Ciências da Informação e da Comunicação pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (Master 1 e 2 - 2011), pós-graduada em Novas Mídias, Rádio e Televisão pela Universidade Regional de Blumenau (2010), graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2006), e-mail: solange.kurpiel@gmail.com.

social e privado, a globalização estimula os indivíduos a integrar uma única sociedade mundial, um espaço reconfigurado baseado em referências comuns, modos similares de produção, de conhecimento e de construção identitária.

É nesse contexto que emerge um sujeito de identidade mista e complexa, baseado em diversos paradoxos tais como: global/local, tradicional/moderno, autenticidade/alteridade. Em caso de indisposição social, é nesse universo paradoxal em que ele transitará a fim de provocar uma ruptura e agir rumo à mudança. É neste espaço em que ele buscará também inspirações e poderá até vir a servir de elemento "emulador" para outras comunidades que se encontram também indispostas. O presente estudo se interessará precisamente à realidade e às particularidades dos novos movimentos sociais – originados na Primavera Árabe (2010) e expandido a outros movimentos como *Los indignados* (2011) e *Occupy Wall Street* (2011). Nessa nova maneira de contestar, o espaço virtual é a plataforma privilegiada para a construção, a organização e a transmissão dos discursos. A estrutura expansível e maleável dá ao sujeito e aos grupos uma panóplia de possibilidades de ação.

Nesse contexto contemporâneo *web*, pode-se questionar sobre as maneiras de agir e de se apropriar desses espaços. Como o sujeito produz seus conteúdos e obtém uma certa visibilidade no *web*? Quais são as estratégias comunicativas que permitem a sensibilização de outros sujeitos/grupos heterogêneos, muitas vezes, distantes geográfica e socialmente? Quais são as estratégias comunicacionais usadas para a produção, a amplificação e a problematização da realidade local em um âmbito global? Para refletir sobre os questionamentos, propõe-se aqui primeiramente uma reflexão sobre o novo sujeito social, sua formação identitária em um contexto globalizado e suas formas de interação com outros sujeitos ou coletivos. Trabalhar-se-á, em um segundo momento, a plataforma *web* e o fenômeno de apropriação deste espaço pelos atores sociais, a formação e fortificação de novos coletivos. Finalmente, trataremos das particularidades do caso das *Jornadas de Junho de 2013*. O evento marcou a entrada brasileira na nova dinâmica de organização e de contestação social.

2 O SUJEITO GLOCAL E SUA ARTICULAÇÃO COM O COLETIVO

A globalização abalou os pilares estruturais da sociedade. Esta é a primeira vez na história em que indivíduos muito distantes cultural, social e economicamente compartilham

referências simbólicas e culturais, vivências. De forma contraditória, a globalização cria também uma distribuição cada vez mais desequilibrada de bens e de lucros, tendo por consequência um empobrecimento sistemático da grande maioria da população e desigualdades sociais cada vez mais flagrantes e difíceis de se reverter. Neste contexto planetário complexo, vê-se o surgimento de um indivíduo "glocal"³! Alain Touraine o define como um ser estando constantemente situado no ponto de encontro entre duas tensões: a *historicidade* e a *consciência de si* (2009, p.168). A historicidade compreende os valores e as orientações culturais da sociedade ou das sociedades em que o indivíduo pertenceu/pertence. A sociedade é vista aqui como sendo composta por dois polos: de um lado a de caráter civil e não política e, de outro, a sociedade política e das instituições. A segunda noção, a consciência de si, é aplicável ao sujeito individual e consiste na capacidade e no ato pessoal de despir-se das definições sociais para se redefinir, a partir de novas orientações, mais universalistas. O indivíduo aqui é visto como o sujeito criador de si mesmo e portador de seus direitos. Na sociedade moderna globalizada, essas duas tensões podem tornar-se ainda mais densas. As construções identitárias extrapolam as fronteiras do Estado-Nação e assumem roupagens mais transnacionais.

A globalização afeta as sociedades redesenhando o espaço econômico planetário e a configuração dos poderes; ela também interfere no nosso cotidiano através da circulação de imagens, de objetos de consumo, da circulação sem fronteiras e sem distâncias. O câmbio generalizado, o triunfo da economia de mercado têm por consequência o fato de que, do outro lado do mundo, nós compartilhamos os mesmos interesses pelos tipos de comida, de roupas ou de música. Isso é o reflexo de uma mudança profunda (ABÉLÈS, 2012, p.43-44, tradução nossa).

As paisagens culturais e sociais seriam assim reestruturadas, mas não provocariam inevitavelmente um efeito de uniformização cultural e de eliminação das especificidades locais. O antropólogo indo-americano Arjun Appadurai (2006) argumenta chamando atenção aos fenômenos de apropriação e de transformação das paisagens no nível local. Esse processo seria marcado principalmente por encontros híbridos entre heranças tradicionais e práticas globais. Para Osée Kamga, a globalização vai muito além de simples oposições binárias "o global contra o local; o tradicional contra o moderno; a autenticidade contra a alteridade". Ela tende a restaurar os processos de apropriação e de reapropriação, dando a cada sujeito a autonomia e a responsabilidade da sua própria interpretação (*in*

³ O termo "glocal" do sociólogo francês Marc Abélès (2012, p. 126) simboliza este indivíduo contemporâneo complexo, construído e constantemente dividido entre as esferas globais e locais.

KIYINDOU (coord.), 2009, p.32, tradução nossa). A consciência de si se impõe sobre a consciência das regras e o sujeito torna-se o criador de si mesmo.

Identifica-se aqui a mudança principal entre sujeito global face ao sujeito da era industrial. Em casos de indisposição social, por exemplo, o sujeito pertencente à era moderna não se centrará mais tanto em lutas coletivas ou globais como aquele da era industrial. Diferente desse último, o sujeito global não se identifica totalmente e apenas com uma luta coletiva. A ele será indispensável encontrar uma identificação pessoal e um repatriamento íntimo da luta. Ele precisa sentir-se capaz de julgar, a partir dos seus próprios critérios subjetivos, o que é tolerável ou intolerável, positivo ou negativo, bem ou mal. Ele busca desamarrear-se, escapar das “forças” que o impedem de se auto-criar e de ser ele mesmo. Essas “forças” podem ser, por exemplo, componentes do sistema institucional e/ou público, mas também qualquer tipo de liderança que o impeça de agir espontaneamente e que estabeleça uma relação de poder desigual e incômoda.

É o desconforto social que pode levar o sujeito a empoderar-se e a motivar-se a lutar contra uma realidade limitadora. O sujeito global se vê como um portador e um sentinela dos direitos universais, ele expressa uma vontade de combate em prol da sua liberdade. Os novos conflitos sociais vão se fundar na figura desse ator e na sua capacidade de lutar pelo respeito dos direitos sociais. Tornar-se sujeito para um grupo social obriga o indivíduo a assumir posicionamentos, apropriar-se pessoal e historicamente da construção do discurso, formulando e veiculando suas reivindicações. Yann Renaud, quando analisa as propostas tourainianas, afirma:

Neste movimento interno do sujeito – a passagem do "sujeito vazio", do "pré-sujeito" definido pelo vazio e pela falta, ao "sujeito repleto", formulando reivindicações, incentivando uma escolha da sociedade e assumindo sua responsabilidade histórica –, ele consegue associar às suas condutas a busca pela ação do seu desejo de liberdade pessoal (princípio de individualidade), de pertencimento a uma cultura de um grupo social (princípio de identidade) e de conscientização, através da formulação e da defesa de declarações compartilhadas (princípio da razão universal) (2003, tradução nossa).

Pode-se assim afirmar que o sujeito contemporâneo encontra-se muito mais em um processo de individuação, do que um processo individualista. Isto é, ele tenderá a incorporar sua perspectiva aos fatos, mas isso não se dará de forma isolada ou solitária. Para ele, é indispensável ter um espaço autônomo, pessoal onde ele possa indicar suas reivindicações, implicar seu potencial criativo e interpretativo, tudo isso não exclui, porém,

as trocas sociais. Pelo contrário, o sujeito da era moderna está em constante busca e estabelecimento de relações sociais com outros sujeitos sensíveis aos seus desconfortos.

No contexto pós-social, os movimentos coletivos serão assim representados muito mais pelo pertencimento cultural do que social. As lutas serão menos engajadas na defesa de direitos específicos e pessoais e mais no questionamento das decisões impostas pelo poder. As decisões são aquelas que vão de encontro à concepção compartilhada de liberdade baseada no respeito da moral, da dignidade, dos direitos e das escolhas humanas. Finalmente, a sociedade globalizada induziu/provocou um certo deslocamento dos campos de conflito e das lutas sociais: de uma realidade econômica e, principalmente, coletiva a um universo mais íntimo e subjetivo: "[a] passagem dos direitos políticos aos direitos sociais e depois aos culturais ampliou a reivindicação democrática em todos os aspectos da vida social e, conseqüentemente, da existência e da consciência individuais" (TOURAINÉ, 2004, p.272, tradução nossa).

3 O *WEB* COMO PLATAFORMA DE AÇÃO SOCIAL COLETIVA E INDIVIDUAL

Zaki Laïdi vê a mundialização a partir de duas variantes, de dois imaginários sociais. O primeiro, ele define como o "imaginário da eliminação", que corresponde às representações e às ações que tendem a apagar as fronteiras, a decompor as particularidades culturais e desinstitucionalizar os Estados-Nação. O segundo imaginário é, de acordo com o autor, "diferencialista" e é baseado na recomposição de "cercas" societárias, induzindo um retorno a si mesmo e à sua própria história (1999).

A globalização corresponde a uma rede, cujo centro e periferia não ficam claramente demarcados, ela induz a emergência de novos territórios étnicos e culturais e constrói identidades mistas e complexas, revelando ao mesmo tempo novos imaginários. A globalização como o agrupamento de fluxos e de redes culturais é um processo menos coerente e unitário do que o da homogeneização. Os efeitos dos fluxos culturais tendem mais a uma hibridação cultural (NAHAVANDI, 2005, p.255, tradução nossa).

Para Arjun Appadurai é precisamente a noção de fluxo, de circulação que diferencia o mundo contemporâneo do seu precedente. A ideia, compartilhada por Anthony Giddens (1990), é de que a intensificação das relações acaba conectando realidades distantes e heterogêneas. Nessa perspectiva, alguns eventos locais poderão ser assim influenciados ou

servir de influência para outros eventos situados do outro lado do planeta. Os fluxos informacionais permitem o estabelecimento de um diálogo horizontal menos dependente das estruturas sociais, sobretudo daquelas ligadas ao poder institucional. Eles alargam e multiplicam as possibilidades de interação social. Na atual realidade globalizada, esses fluxos ganharam uma dimensão essencial graças ao desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação.

A democratização dos novos meios de comunicação instantâneos permitiu a criação de espaços de intercâmbio mais elásticos, desmaterializados e virtualizados. Eles facilitam a emergência de sujeitos e de grupos sociais desconhecidos ou isolados, favorecem seu reconhecimento. Além da questão da visibilidade, a velocidade acelerada de transmissão de informações dá aos atores sociais a possibilidade de comunicar-se, instantaneamente, com outros atores que possuam lutas compatíveis e dialogáveis.

As redes de coletivos formam-se assim através da conexão e do compartilhamento da vivência cotidiana das causas. Para Ulrich Beck, a grande novidade desses fenômenos de interação é o caráter "não localizado" das comunidades (*in* ABÉLÈS, 2012, p.126, tradução nossa). De acordo com a socióloga tunisiana Sihem Najjar, as ações coletivas na era do *web* são construídas a partir de uma arquitetura à escala "variável, constituída por atores oriundos de *status* e de múltiplas escalas sociais" (2013, p.112, tradução nossa).

Em casos de mobilização social, o espaço *web* torna-se, muito mais do que um espaço de "amplificação de conversas" (BOULLIER *in ibid.*), um verdadeiro espaço de trocas, uma sala de reuniões, o "qg" dos movimentos. Eles expõem suas reivindicações e orientações, compartilham informações, se movimentam, manifestam. Os indivíduos e os coletivos vão assim utilizar esse espaço como plataforma para estruturar, comunicar e coordenar suas lutas. A tomada da rua como espaço de reivindicação deixa de ser uma condição *sine qua non* no mundo contemporâneo.

Diferente dos coletivos da era industrial, os da era global se sustentam na ação pessoal dos militantes. Sensibilizados, os sujeitos se apropriam das causas e tornam-se o que Laurence Allard e Frédéric Vandenberghe (2003, p.215) conceitualizaram como o "individualismo expressivo". Segundos os autores, através do *medium* internet, este individualismo se empoderará como nunca para se investir em práticas expressivas. A apropriação individual terá como objetivo principal a autenticidade. Através das redes sociais e de outros espaços de produção discursiva, o "indivíduo expressivo" vai elaborar e colocar em cena uma identidade pessoal e criativa.

Yves Gonzalez-Quijano (*apud* NAJAR, 2013, p.18) percebe quatro tipos de ação dos novos movimentos coletivos: a afirmação identitária, a eficácia nas trocas de informação, a mudança dos modos de mobilização e finalmente a reconfiguração do equilíbrio do poder dentro dos movimentos. Em relação ao último ponto, pode-se remeter a Arjun Appadurai quando afirma que a grande inovação da sociedade globalizada reside na sua capacidade de circulação. Muito além da circulação de informações, a sociedade a pós-social estende essa noção também para o poder. Ela não se restringe mais às decisões de uma liderança, os sujeitos que a compõe buscam autonomia individual para a tomada de iniciativas. A afirmação corrobora com a ideia de Michel Foucault quando afirma:

Poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1989, p. 183).

4 O CASO BRASILEIRO DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Nós propomos finalmente uma reflexão e uma problematização sobre a dinâmica de ação das *Jornadas de Junho* de 2013. O objetivo é identificar e pensar alguns conceitos vistos anteriormente de forma prática durante os dias do movimento. A presente análise está baseada nos conteúdos veiculados pelas redes sociais e *websites* de dois coletivos implicados na organização das ações durante o mês de junho: Movimento Passe Livre e o *Anonymous Brasil*. Além disso, entrevistas semi-estruturadas, de em média 40 minutos, foram realizadas com atores-participantes das ações de quatro cidades do país: São Paulo, Belo Horizonte, Londrina, Florianópolis⁴.

As jornadas representaram entrada brasileira no novo modo de funcionamento dos movimentos coletivos mundiais. Assim como a Primavera Árabe (dezembro de 2010), *Los indignados* (maio de 2011), ou ainda *Occupy Wall Street* (setembro de 2011), as *Jornadas* foram caracterizadas pelo uso massivo da *internet* e das redes sociais como "amplificadores de conversas", mas também como ferramentas de organização e de coordenação. Para se ter uma ideia, do dia 13 ao 21 de junho de 2013, as informações sobre o movimento

⁴ Esta é uma pesquisa que ainda está em andamento, até agora cinco participantes foram entrevistados. O objetivo final é dobrar este número e realizar as mesmas entrevistas com participantes do movimento turco, acontecido no mesmo período brasileiro.

alcançaram mais de 136 milhões de pessoas e suscitaram mais de 2 milhões de citações virtuais⁵.

4.1 Sujeito se apropria e recria conteúdos

As *Jornadas de Junho 2013* foram marcadas pelo fenômeno de auto-expressão, já identificado nos precedentes movimentos citados. Muitos simpatizantes assumiram-se como "**individualistas expressivos**", segundo o conceito proposto por Allard e Vandenberghe (2003). Eles investiram seus espaços de auto-publicação e expuseram seus desconfortos aos amigos *Facebook*, aos seguidores *Twitter*, aos leitores dos *blogs*... Os entrevistados desta pesquisa concordaram, de forma unânime, afirmando que a posição dos atores estava claramente presente na *internet*. Havia, segundo eles, uma verdadeira participação e implicação suas e dos seus círculos próximos de contatos nos espaços *web*, através do compartilhamento de informações, fotos e vídeos, feitos por outras pessoas ou por eles próprios "na rua". Três depoimentos destacam a participação de indivíduos bastante heterogêneos, mas também "novatos", ou seja, sem tradição de participação nesse tipo de ação. Os três citaram, mais especificamente, jovens de classe média-alta.

As *Jornadas*, assim como a Primavera Árabe por sinal, foram bastante criticadas pelos conteúdos das lutas, considerados demasiado dispersos. A crítica foi recorrente também dentre os entrevistados que identificaram esta realidade com sendo negativa e fragilizante para o movimento. A presente percepção ilustra claramente o conceito de que o investimento pessoal, do capital criativo do sujeito produz conseqüentemente um alargamento dos objetivos da reivindicação. Essa maneira proteiforme de agir pode dar uma impressão de vazio, de "público fantasma" da concepção lippmaniana (1925).

Porém, se a condição essencial do engajamento do sujeito moderno é a apropriação do sentido, ele acabará certamente produzindo modificações e criando novos sentidos. O objetivo será de aproximar cada vez mais o sentido da luta global à historicidade social e individual. A nova dinâmica dos movimentos coletivos rui com os antigos estereótipos dos movimentos sociais – principalmente os da sociedade industrial – marcados pela unidade, pela identidade comum e pelos objetivos restritos e enquadrados.

Apesar de todas as discordâncias e da diversidade de agendas de reivindicações, alguns elementos federadores são essenciais para o fortalecimento e a manutenção destes

⁵ Monitoramento realizado pela empresa Scup, através de ferramentas que permitem identificar o impacto de conversas *on-line* e as interações nas redes sociais. Estudo disponível em: <http://ideas.scup.com/pt/eventos/monitoramento-publico-no-scup-sobre-protestos-contra-tarifa-do-transporte-publico/>

novos movimentos. No caso brasileiro, o elemento principal constatado pelos entrevistados foi a violência. Até o dia 13 de junho as manifestações eram de pequeno porte, pontuais e com uma adesão inexpressiva da população. A noite do dia 13, marcada pela forte repressão, despertou um sentimento de injustiça nacional generalizado. Todos os entrevistados apontaram um processo de universalização da pauta das lutas: da baixa do preço da passagem do ônibus passou-se a uma luta contra a violência, principalmente a policial.

Falou-se mais acima que o sujeito global sente-se um sentinela, um portador dos direitos universais. Qualquer violação desses direitos, gera facilmente um sentimento de desconforto social, o que o impulsiona a um empoderamento e uma ação pessoal. Pode-se assim pensar que os "públicos em rede" são certamente de um lado menos unificados, mas tornam-se, por outro lado, mais reativos, conectados e com uma verdadeira capacidade de transformação e de apropriação dos conteúdos.

Dominique Boullier afirma que os *sujeitos em rede* possuem "uma capacidade rara de tomar iniciativas, sem dependência das palavras de ordem de grupos ou de partidos ou de líderes" (BOULLIER *in* NAJAR (*dir.*), 2013, p.44, tradução nossa). É esta capacidade de liberar-se das amarras da figura de uma liderança única que faz do sujeito moderno-global um ser muito mais em trânsito e capaz de evoluir de maneira rápida os seus argumentos.

4.2 A circulação do poder social e a dessacralização das instituições

Arjun Appadurai chamava a atenção para a capacidade de circulação da sociedade globalizada, da criação de fluxos. Essa circulação pode ser tanto física, como informacionais ou de poder, como visto acima. O sujeito global plural recusa restringir-se a uma só liderança, uma só corrente de pensamento. As manifestações brasileiras foram uma grande afirmação dessa noção, primeiramente no que diz respeito à organização e à liderança dos movimentos. Ao longo dos dias de ação popular, percebeu-se uma clara alternância de liderança. As duas representações principais – mas longe de serem as únicas –, foram o Movimento Passe Livre (MPL) e o Movimento *Anonymous Brasil*.

Primeiramente, o MPL centralizou a coordenação dos eventos de reivindicação do aumento do preço das tarifas de transporte. O MLP ocupou um papel de gerador e transmissor informacional consequente. Eles falaram do número de participantes, dos feridos, das pessoas interrogadas pela polícia. As *Jornadas de Junho* e suas reivindicações

todavia evoluíram e outras temáticas foram pouco a pouco sendo incluídas à agenda dos protestos. As mídias tradicionais brasileiras adotaram uma postura “de fora” e conservadora. A evolução das reivindicações foram rebatidas e utilizadas como forma de descredibilização do movimento.

Em reação a essas acusações e a fim de federar, *Anonymous Brasil* publicou no dia 17 de junho um vídeo na *internet*, nomeado “As 5 causas”. Em menos de 24 horas, já tinha sido visionado mais de 1 milhão de vezes e, em poucos dias compartilhados, em 1000 outros *web*-canais e *websites*. Percebe-se que a alternância da liderança, o que representa a circulação de poder social, permitiu uma constante renovação da dinâmica coletiva e uma busca por uma certa coesão das lutas. Quatro dos cinco entrevistados chamaram a atenção também para as reações populares contra os representantes das instituições midiáticas e políticas. Foram citados, por exemplo, os ataques a veículos da imprensa ou a pessoas identificadas com bandeiras de partidos políticos.

O descrédito da população face aos poderes institucionais gerou nas ruas brasileiras uma reação violenta, ironicamente o mesmo elemento que revoltou e federou as lutas do movimento. Pode-se finalmente pensar que a abstração das lutas e a dessacralização institucional permite a criação de um efeito de coesão coletiva que transpassa, de forma quase natural, as barreiras nacionais, sociais, políticas, religiosas. É graças a um discurso mais universalista que as lutas atuais ganham tanta força e coesão popular. Todavia, o consenso ideológico parece frágil e não permite ruídos ou perturbações, qualquer elemento que o fragilize é percebido como negativo e deve ser, conseqüentemente, silenciado.

Resta definir o que está em jogo nessas lutas que são aceitas por todos, mas interpretadas de forma completamente diferente pelos campos presentes. Nesta nova situação, em um espaço e um tempo pós-sociais, quais são as causas, quais são as riquezas que os adversários tanto disputam a posse, mas que, ao mesmo, reconhecem que é de posse de todos? Se a globalização tem destruído todas as instituições e da própria sociedade, já que nenhum controle social possui mais poder sobre ela, a conclusão é evidente para todos, só o indivíduo ainda está vivo neste campo de ruínas (TOURAINÉ, 2010, p.123, tradução nossa).

5 CONCLUSÃO

Para concluir, pode-se afirmar que a articulação que o sujeito moderno dá aos seus problemas e fraturas sociais está mais baseado em um combate à própria liberdade, no

respeito aos direitos humanos. Ele aparece menos interessado a causas econômicas ou sociais e mais focalizado na busca por ele mesmo, pela criação de si. Nessa perspectiva humanista, ele encontra-se menos ancorado a realidades específicas, seu discurso torna-se mais universal e susceptível de sensibilizar sujeitos de outras realidades. Pode-se assim dizer que a circulação das indisposições sociais se dá através de uma construção discursiva mais fundada no sentimento de mal-estar social, do que nas particularidades locais da reivindicação.

Em relação ao segundo questionamento sobre as estratégias aplicadas para a produção, amplificação e problematização da realidade local em um âmbito global, pôde-se identificar elementos que caracterizam os movimentos coletivos e individuais pós-sociais. No que diz respeito à produção discursiva, parece-nos essencial levar em conta a questão da apropriação dos conteúdos pelo sujeito. O indivíduo moderno necessita integrar pessoal e historicamente da construção do discurso. Ele precisa se apropriar, reformular, para só depois veicular suas reivindicações. A apropriação e a individualização do combate não fazem dele porém um ser isolado, solitário. O sujeito moderno, pelo contrário, reivindica sua identidade complexa, suas referências culturais que extrapolam os contextos nacionais. Este sujeito estará sempre em uma constante circulação entre o local e o global. Os dois territórios não lhe soam contraditórios, relatam em realidade de um espaço híbrido de construção identitária.

Quesito amplificação e problematização das realidades locais, o indivíduo moderno conta com o advento tecnológico a seu favor. A emergência dos meios de informação e de comunicação fez com que os coletivos sociais ganhassem em visibilidade e canais para produção e transmissão de informações. Estes recursos também permitiram a criação de redes de diálogo transnacionais com movimentos de lutas compatíveis. Essas novas redes coletivas fortalecem as lutas e permitem a desestabilização ainda maior das estruturas de poder institucionais.

REFERÊNCIAS

ABELES M. **Anthropologie de la globalisation**. Paris: Éd. Payot & Rivages, 2012.

ALLARD L.; VANDENBERGHE F. **Express Yourself! Les pages perso. Entre légitimation techno-politique de l'individualisme expressif et authenticité réflexive peer to peer**, Réseaux, n° 117, 2003, pp 191-219.

APPADURAI A. **Après le colonialisme – Les conséquences culturelles de la globalisation.** Payot: 2006.

APPADURAI A. **Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization.** Minneapolis. University of Minnesota Press: 1996. [Trad. francesa: 2001. Paris, Payot.

DURKHEIM E. **Da Divisão do Trabalho Social.** 1893.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado, 8ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

KIYINDOU A.; EKAMBO J.-C. ; MIYOUNA L.-R (Coord.). **Communication et dynamiques de globalisation culturelle.** - Paris : l'Harmattan, 2009.

LAÏDE Z. **La mondialisation comme phénoménologie du monde.** Projet, N°262, Eté 2000, pp 41-48.

LIPPMAN W. **Le public fantôme.** Paris: Démopolis, [1925] 2008.

MOREAU-DEFARGES P. **La mondialisation.** 1997, 8ªed. 2010.

NAHAVANDI F. **Du développement à la globalisation : histoire d'une stigmatisation.** Bruxelles, 2005.

NAJAR S. (Coord). **Le cyberactivisme au Maghreb et dans le monde arabe.** Tunis : IRMC ; Paris : Karthala, 2013.

NAJAR S. (Coord). **Les réseaux sociaux sur internet à l'heure des transitions démocratiques.** Tunis : IRMC ; Paris : Karthala, 2013.

RENAUD Y. **Mouvement perpétuel. Luttés sociales et historicité de la société dans la théorie d'Alain Touraine.** Le Philosophoïre 1/2003 (n° 19), p.101-117.

URL : www.cairn.info/revue-le-philosophoïre-2003-1-page-101.htm. DOI : 10.3917/phoir.019.0101.

ROC J.-C. **La CSN et le mouvement nationaliste québécois.** Dissertação, Montréal : Université du Québec à Montréal, 1993.

TOURAINÉ A. **Après la crise.** Paris: Editions du Seuil, 2010.

TOURAINÉ A. **Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TOURAINÉ A. **Production de la société**. Seuil, 1973.

TOURAINÉ A. **Un nouveau paradigme : pour comprendre le monde d'aujourd'hui**. Paris: Fayard, 2004.